

A Orientação como proposta pedagógica nas aulas de Educação Física: um relato de experiência

RESUMO

Este texto refere-se a um relato de experiência cujo objetivo é descrever a utilização de uma prática corporal de aventura, a Orientação, como proposta pedagógica inserida nas aulas de Educação Física. As práticas corporais de aventura são conteúdos desenvolvidos há alguns anos por professores da área resultando recentemente na inserção desse conteúdo nos currículos escolares. Para a realização deste trabalho a metodologia teve uma abordagem qualitativa de tipo descritivo, analisando uma sequência de seis aulas com educandos de uma turma do quinto ano do Ensino Fundamental. Constatou-se que, para além da apropriação dos saberes específicos da prática por esses educandos, foi possível também explorar as diversas potencialidades da Orientação na Educação Física escolar, configurando-se como uma ferramenta pedagógica que pode e deve ser utilizada pelos professores de Educação Física.

PALAVRAS-CHAVE: Educação física; Orientação; Escola

Eduarda Sthefany Pereira Nunes

Acadêmica de Licenciatura em Educação Física
Universidade Federal do Paraná-UFPR,
Departamento de Educação Física, Curitiba,
Brasil

dudasthefanypn@gmail.com

<https://orcid.org/0000-0003-2032-8989>

Michaela Camargo

Doutora em Educação
Universidade Federal do Paraná-UFPR, Setor de
Educação, Curitiba, Brasil

mica.camargo@hotmail.com

<https://orcid.org/0000-0002-9315-4492>

Rosecler Vendruscolo

Doutora em Educação Física
Universidade Federal do Paraná-UFPR,
Departamento de Educação Física, Curitiba,
Brasil

roseclervendruscolo@gmail.com

<https://orcid.org/0000-0002-0281-8645>

The Orientation as a pedagogical proposal in the Physical Education classes: an experience report

ABSTRACT

This text refers to an experience report whose objective is to describe the use of the of a body practice, the Orientation, as a pedagogical proposal within Physical Education classes. The corporal practices of adventure are a kind of content developed a few years ago by Physical Education teachers, resulting in the recent inclusion of this content in the school curriculum. To fulfill this work, the methodology chosen uses a qualitative descriptive approach to analyze a sequence of six classes of fifth grade students from an elementary school. It was found that, additionally to the appropriation of such specific knowledge generated by the students' practice, it was also possible to explore the Orientation and its various potentials in the physical education classes at schools, configuring itself as a pedagogical tool that can and should be used by Physical Education teachers.

KEYWORDS: Physical education; Orientation; School

La Orientación como propuesta pedagógica en las clases de Educación Física: un relato de experiencia

RESUMEN

El texto refiere a un relato de experiencia, cuyo objetivo es describir el uso de una práctica corporal de aventura, la Orientación como propuesta pedagógica insertado en las clases de Educación Física. Las prácticas corporales de aventura son contenidos desarrollados hace unos años por docentes del área, resultando recientemente en la inclusión de estos contenidos en los planes de estudio escolares. Para llevar a cabo este trabajo, la metodología tuvo un enfoque descriptivo cualitativo, analizando una secuencia de seis clases con alumnos del quinto grado de la escuela primaria. Se encontró que, Además de la apropiación de conocimientos específicos de la práctica por parte de estos estudiantes, también fue posible explorar las diversas potencialidades de la Orientación en la Educación Física escolar, configurándose como una herramienta pedagógica que puede y debe ser utilizada por profesores de Educación Física.

PALABRAS-CLAVE: Educación física; Orientación; Escuela

INTRODUÇÃO

Ao longo da história a Educação Física escolar brasileira assumiu diferentes finalidades, tendo sido considerada ou como um espaço de desenvolvimento da aptidão física, desportista, de manutenção da saúde, ou um momento de recreação. Atualmente, vem se ressignificando, sendo praticada e pensada em diversos momentos da educação formal. Sua legalidade foi afirmada pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação - LDB 9394/96 e, mais recentemente, pela Base Nacional Comum Curricular (SEVERINO; PEREIRA; SANTOS, 2016) que organiza a Educação Física em seis unidades temáticas: brincadeiras e jogos; esportes; ginásticas; danças; lutas e práticas corporais de aventura. Na literatura aparecem diversas nomenclaturas para se referir a essas práticas corporais de aventura (PCAs) tais como: esportes na natureza (DIAS, 2007); atividades físicas de aventura na natureza (BÉTRAN, 1995 apud TAHARA; CARNICELLI FILHO, 2009, p. 188); esportes radicais (UVINHA, 2001); esportes radicais de ação e de aventura (PEREIRA; ARMBRUST, 2010); atividades de aventura (PIMENTEL, 2013); e práticas corporais de aventura na natureza (INÁCIO, 2014). Esses são alguns dos exemplos de terminologias utilizados na literatura. Neste texto, adotaremos o conceito práticas corporais de aventura, conforme proposto pela BNCC.

As PCAs vêm conquistando seu espaço nas aulas de Educação Física, visto que no Brasil tem aumentado o número de adeptos. Segundo Tahara e Carnicelli Filho (2013, p. 64) “o território brasileiro possui condições geográficas, vegetação e clima propícios para a vivência de uma grande parte das atividades de aventura [...]”. Ainda, outro fator que legitima esse conteúdo é que sua prática é realizada em contato direto com o meio ambiente, estando relacionada intimamente à melhoria da qualidade de vida (PELICIONI, 1998).

Mediante suporte oferecido pelo Programa de Educação Tutorial (PET) do Curso de Educação Física da Universidade Federal do Paraná (UFPR) - que tem como temática as práticas corporais de aventura – realizou-se a análise de um relato de experiência desenvolvido por uma bolsista do grupo no decorrer da regência de aulas de Educação Física em uma escola da Rede Municipal de Curitiba, parceira do PET. Trata-se de uma escola que recentemente vem trabalhando novas possibilidades de ensino através das PCAs. Sobre isso, a Base Nacional Comum Curricular sugere que:

[...] as práticas de aventura na natureza se caracterizam por explorar as incertezas que o ambiente físico cria para o praticante na geração da vertigem e do risco controlado, como em corrida orientada, corrida de aventura, corridas de mountain bike, rapel, tirolesa, arborismo etc. (BRASIL, 2018, p. 219).

O contato com essa temática na formação docente enriquece o repertório do professor em formação, auxiliando-o na elaboração de uma docência significativa e de qualidade aos seus educandos. Assim, analisando as potencialidades desse conteúdo e respaldados por diversos teóricos como Pimentel (2013), Pereira e Armbrust (2010), Machado et al. (2017), entre outros, utilizou-se dessa temática para abordar a Orientação nas aulas de Educação Física, sendo definida por Carmona et al. (2013, p. 20) como: “habilidade de orientar-se espacialmente em um terreno desconhecido pelo praticante, trilhando um caminho pré-determinado com a utilização de equipamentos guia (bússola, mapa, cartão de orientação e prisma), e no menor tempo possível”. Além da participação no referido programa, surgiu a necessidade de colaborar para a produção do conhecimento acerca das práticas corporais de aventura no contexto escolar. Portanto, torna-se importante averiguar como as PCAs vêm evoluindo nesse universo, impulsionando maiores discussões sobre o assunto e contribuindo, assim, para o fomento de pesquisas em torno dessa temática.

O estudo aqui exposto caracteriza-se por uma abordagem qualitativa de tipo descritivo, tratando-se de um relato de experiência. O relato de experiência tem sido uma ferramenta de reflexão em estudos educacionais, pois por seu intermédio podemos “compreender questões relacionadas à formação profissional de futuros docentes que irão atuar na escola e pode ser um instrumento satisfatório para que os docentes produzam conhecimento a partir da prática cotidiana” (SILVA et al., 2016, p. 71). Segundo Thomas, Nelson e Silverman (2012, p. 293; 373), as pesquisas de cunho descritivo são “um estudo do status, sendo amplamente utilizada na educação e nas ciências comportamentais” e aquelas de cunho qualitativo são “realizadas principalmente em ambientes do cotidiano, como escolas, ginásios, instalações esportivas, academias e hospitais”.

A proposta privilegiou educandos do quinto ano do Ensino Fundamental de uma escola da Rede Municipal de Curitiba, Paraná, localizada em um bairro de vulnerabilidade socioeconômica, totalizando 26 educandos participantes com idades entre nove e dez anos. Foram realizadas seis aulas de 55 minutos cada, no período da manhã. Buscou-se responder a partir desse estudo à seguinte problemática: por que e de que modo utilizar a Orientação como proposta pedagógica nas aulas de Educação Física? Para isso, objetivou-se descrever uma proposta pedagógica sobre o conteúdo de Orientação nas aulas de Educação Física.

PROPOSTA DE TRABALHO

Inicialmente foram realizadas observações da turma a fim de conhecer os educandos, sua relação com a professora, bem como o processo de ensino e aprendizagem. Após essa análise inicial, pensou-se em um planejamento que pudesse ser adequado para aquele grupo de educandos.

O planejamento é uma das ferramentas essenciais do docente, para utilizá-lo é preciso compreender seu significado e importância. Para Vasconcelos, planejar é um ato político-pedagógico porque revela intenções, o autor afirma ainda que: “[...] planejar é elaborar o plano de intervenção na realidade, aliando às exigências de intencionalidade de colocação em ação, é um processo mental, de reflexão, de decisão, por sua vez, não uma reflexão qualquer, mas grávida de intenções na realidade” (VASCONCELLOS, 1995, p. 43).

A partir dessas considerações, destaca-se que a proposta ora apresentada teve o intuito de desenvolver uma prática corporal de aventura, pois como sugerem Pereira e Armbrust (2010, p. 150) essa temática amplia “a abrangência dos conteúdos das aulas apresentando aos alunos elementos que possibilitem compreender e praticar com segurança atividades de aventura”.

Dentre as diversas opções dessas práticas, a escolha foi a Orientação, uma vez que suas características revelaram diversas possibilidades de desenvolvimento, desde o terreno, passando pelos materiais, a diversidade dos participantes, até o seu potencial interdisciplinar (OLIVEIRA; BARROSO; JUNIOR, 2008), demonstrando assim sua importância como ferramenta pedagógica. Portanto, a justificativa da escolha das PCAs é sua flexibilidade e potencialidade, uma vez que “dentro de um jogo com estratégia e confronto de inteligências, o aluno é estimulado a desenvolver capacidades de defesa e ataque, raciocínio lógico, decisão e responsabilidade mesmo que ludicamente, caracterizando, também, sua interdisciplinaridade” (MACHADO et al., 2017, p. 378-379).

RELATO DAS AULAS

A primeira aula teve como objetivos: obter um primeiro contato com a Orientação; criar hipóteses de ressignificação do espaço escolar; compreender as origens, regras e como praticar a Orientação. Identificada a necessidade de conhecer as especificidades dessa prática, realizou-se uma aula expositiva, porém, não limitada a explicar os conceitos e o histórico. Houve também preocupação em mostrar os equipamentos, os terrenos e associar com práticas que os educandos já conhecessem, além de um momento para sanar as dúvidas decorrentes da aula.

Iniciou-se a aula com questionamentos acerca do conhecimento dos discentes em relação ao conteúdo e nenhum deles conhecia ou praticava Orientação, portanto, foi realizada uma introdução sobre essa prática corporal de aventura, utilizando-se da contextualização, “recurso de que o professor deve lançar mão para retirar o aluno da condição de espectador passivo do processo de conhecimento” (DARIDO; OLIVEIRA, 2009, p. 218). Após terem compreendido do que se tratava, foi feita uma reflexão de como poderíamos adaptá-lo para a escola, e a partir dessa conversa surgiram diversas opções como, por exemplo, “praticar em grupo”, “demarcar dentro do espaço escolar o percurso” entre outras, sendo, portanto, o ambiente repensado para além de seus usos comuns. Tal dinâmica foi construída no laboratório de informática, uma vez que seus equipamentos se tornaram recursos didáticos, pois as imagens facilitavam a compreensão do conteúdo pelos educandos.

Figura 1 - Primeira Aula



Fonte: Arquivo pessoal da autora (2019).

Os objetivos da segunda aula consistiam em: diferenciar a caminhada em trilha da Orientação; vivenciar os elementos da Orientação; localizar-se no espaço geográfico; e reconhecer um croqui.

Essa aula foi realizada em campo, porém, como as intervenções ocorriam uma vez por semana, foi necessário retomar brevemente o conteúdo. Os educandos já possuíam conhecimento sobre as práticas da trilha, portanto, realizou-se uma atividade para esclarecer suas diferenças e semelhanças, além disso, foi elaborado um percurso em circuito, no qual eles deveriam ficar em fila e passar pelos obstáculos, assim como na Orientação, em que, diferentemente da trilha, o tempo é fundamental.

Na segunda atividade proposta, os educandos foram divididos em duplas de maneira que um deles estaria vendado e o outro seria a “bússola”, ou seja, receberia um croqui com um percurso já determinado e deveria guiar o colega utilizando apenas comandos como norte, sul, leste e oeste. A dupla deveria passar pelos pontos de controle corretamente seguindo a sequência de seu croqui e pegar uma palavra de cada cone. O professor marcaria o tempo feito pela dupla. Os dois lados da

quadra seriam utilizados, portanto teriam duas duplas realizando a atividade e os demais educandos deveriam esperar que terminassem para então participarem. Infelizmente, observou-se determinada dificuldade na atividade de guiar o colega e, por isso, apenas quatro duplas concluíram a proposta; tal dificuldade surgiu da pouca familiaridade que os educandos tinham em relação ao croqui e, de modo igual, como se localizar por meio dele. Além disso, envolvia a necessidade de guiar o outro sem haver um contato físico, apenas por comandos; assim os aspectos da atividade não estavam de acordo com o conhecimento prévio que os educandos possuíam, sendo necessário retomar este conteúdo na aula seguinte.

Figura 2 - Segunda Aula



Fonte: Arquivo pessoal da autora (2019).

Os objetivos da terceira aula foram: resgatar aspectos da localização espacial; relembrar os pontos cardeais; e identificar os órgãos responsáveis pelos cinco sentidos e suas funcionalidades.

Considerando as dificuldades apresentadas pelos educandos anteriormente, a terceira aula foi pensada para abordar e discutir esses problemas. Iniciou-se a aula explicando os cinco sentidos humanos, visto que a atividade proposta eliminava um deles, a visão, e exigia determinado afincamento na audição. Sendo assim, iniciou-se um debate sobre a importância do colega como guia, ou seja, o cuidado com o outro. No decorrer das discussões um dos educandos, que possui problemas visuais, explicou que se sentia desconfortável quando falavam que as pessoas com deficiências visuais ‘enxergavam com as mãos’, foi explicado, então, a importância de sempre perguntar como o sujeito se sente em relação aos termos utilizados referentes a ele. Tal situação mostrou como um conteúdo pode ir além do esperado. A esse respeito, Padilha (2001, p. 24) destaca esse papel da escola ao afirmar que:

[...] quando se vislumbra uma nova relação entre educador e educando, na qual se reconhece não só a presença política nessa relação, mas, principalmente, se estimula a prática do diálogo político em sala de aula, ao lado das atividades curriculares e pedagógicas, o resultado do processo de ensino aprendizagem será certamente

melhor. Além de estimular a reflexão daqueles atores educacionais, tal prática estará sobretudo ensinando-os a atuar sobre a realidade para transformá-la e buscar, cada vez mais, a justiça social que todos queremos alcançar.

Após toda a discussão prosseguiu-se conforme o planejamento da aula. Para fixar os pontos cardeais, que seriam utilizados na aula seguinte, realizou-se uma atividade em que foram colocados alguns números em carteiras aleatórias e, posteriormente, foi solicitado para que os próprios educandos guiassem, na sequência correta quem estava com a venda.

Figura 3 - Terceira Aula



Fonte: arquivo pessoal da autora (2019).

Na quarta aula retomou-se a atividade inacabada em quadra, pois mais importante que seguir rigidamente um planejamento é a participação de todos os envolvidos e o desenvolvimento dos objetivos e conteúdos propostos. Ao reaver em uma aula os aspectos que eram necessários para realizar a atividade, os educandos conseguiram superar a dificuldade que haviam encontrado. Apesar de, no planejamento, parecer ser uma atividade bem dinâmica, acabou sendo extremamente estática para os educandos que esperavam a sua vez. Nessas ocasiões Darido e Oliveira (2009, p. 227) propõem que “procurem organizar uma situação que, mesmo em situação de espera, os participantes tenham uma função relacionada, pois dessa forma se sentirão envolvidos e atuantes”. Assim, foi solicitado que os demais educandos que estivessem fora da atividade observassem como os colegas a realizavam e os auxiliassem se necessário.

Figura 4 - Quarta Aula



Fonte: arquivo pessoal da autora (2019).

A quinta aula tinha como objetivos: investir o trabalho em equipe, aprimorar as noções de espaço e tempo e vivenciar a prática da Orientação, mesmo que adaptada às condições e realidade da escola. Essa foi a aula mais complicada a ser desenvolvida, visto que a atividade implicava que os educandos se deslocassem por toda a escola, e exigiu a elaboração de um mapa das áreas externa/interna, e de prismas, além disso a instituição não possuía bússolas. A respeito do último material assinalado, vale ressaltar que um dos principais instrumentos utilizados nas competições oficiais de Orientação, segundo Pasini e Dantas (2003), é a bússola: uma grande aliada dos atletas e em algum momento do percurso esse instrumento será requerido. Ainda que esse fosse um instrumento importante para a prática, a falta dele não limitou o andamento das aulas, pois mesmo sem a bússola os educandos puderam vivenciar a Orientação, principal objetivo das aulas.

Inácio, Sousa e Machado (2020, p. 09) em seu estudo com professores de dois municípios de Goiânia, apontaram que as maiores dificuldades que os professores encontraram em relação às PCAs foram: “Falta de estrutura/espço físico; falta de conhecimento sobre o tema; dificuldades de conduzir sozinho a aula; falta de materiais adequados; pelos riscos de acidentes; e por não ser um conteúdo obrigatório nos PCNs da Educação Física”. Esses autores afirmam ainda que a falta de estrutura, espaço e de materiais foram elencados como fatores principais, logo, é evidente como a referida escola pública também sofre com tais limitações.

Diante desse cenário, a construção de estratégias destaca-se no papel do professor da escola pública, que tem a missão fundamental de não deixar que isso restrinja suas intervenções, devendo superá-las e proporcionar assim uma aula de qualidade aos seus educandos. Melo e López (2012, *online*) ilustram bem essas situações:

As aulas de educação física, que se desenvolvem no ambiente escolar, possuem tempos, espaços e materiais cristalizados na cultura escolar, porém cabe ao professor ampliar esta visão, tanto em seus alunos, como junto aos demais agentes escolares. Para isto as aulas de educação física devem

explorar ao máximo todas as possibilidades de espaços, tempos e materiais, sejam estes formais ou informais, bem como a forma de utilização seja específica deste material ou espaço, mas também a utilização de espaços e materiais de formas diferenciadas das habituais.

Superadas essas dificuldades, iniciou-se a aula, que consistia em dividir a turma em quatro grupos. Para realizar a atividade deveriam andar de mãos dadas, caso contrário seria acrescentado um minuto no tempo final. Cada equipe recebeu um mapa que continha uma sequência de pontos de encontro que deveriam seguir, e ao passarem por eles deveriam recolher um comprovante. A cada ponto de encontro precisavam trocar de guia, de tal forma que todos pudessem ler e interpretar o mapa. Ao longo da atividade cada grupo contou com a presença de um responsável, a professora regente da disciplina de Educação Física e três acadêmicos bolsistas do PET Educação Física UFPR, assegurando a segurança dos educandos durante a atividade e cronometrando o tempo. Por fim, deveriam ir para o ponto final e após chegarem todas as equipes, seriam conferidos o tempo e os comprovantes. Durante a realização da atividade notou-se como os educandos tiveram destreza na utilização do mapa e como cooperaram entre si para garantir o objetivo. Apesar de todas as limitações, foi possível se adaptar à realidade da escola e proporcionar uma prática corporal de aventura.

Figura 5 - Quinta Aula



Fonte: arquivo pessoal da autora (2019).

A última aula foi de avaliação e seus objetivos consistiam em: montar um mural para expor na escola compartilhando os saberes produzidos com os demais educandos; conceituar os elementos da Orientação; e expressar como foi a experiência no decorrer das aulas, bem como avaliá-la através de desenhos e frases.

Anteriormente à confecção do mural foram solicitadas duas atividades para os educandos fazerem em suas casas. Na primeira, eles deveriam pesquisar sobre a Orientação, o que era, seus elementos, como praticar, para assim lembrar e fixar o conteúdo da primeira aula. Na segunda atividade, os educandos deveriam escrever uma espécie de relatório, podendo, inclusive, desenhar,

descrevendo como foi para eles a experiência das aulas, se foi uma atividade construtiva, se tiveram dificuldades, se tinham críticas etc. Também, solicitou-se que atribuíssem uma nota para as aulas e a justificasse.

Durante a última aula os educandos que se sentiram confortáveis leram seus relatórios. Foram diversos os elogios e, sem dúvida, além de conhecerem uma prática corporal de aventura nova, gostaram de praticar as atividades da Orientação. Todavia, dentre todos os relatórios, um chamou a atenção, pois nesse foi atribuída a nota 9,5 e a justificativa refere-se a uma crítica construtiva, em que o educando comentou sobre uma das aulas na qual a maioria do grupo permaneceu muito tempo parado o que implicou na repetição da mesma proposta de aula para que todos pudessem vivenciar. Mesmo tendo ciência de que a aula não saiu como fora planejada, não era esperado que os educandos percebessem dessa forma e tal apontamento demonstra como é importante levar em consideração o que as crianças têm a dizer, respeitando-as como os principais agentes da construção do saber.

Figura 6 - Sexta aula



Fonte: arquivo pessoal da autora (2019).

Para finalizar a discussão sobre a Orientação como uma ferramenta pedagógica nas aulas de educação física, destaca-se as considerações de Darido e Rangel (2006, p. 194) ao afirmarem que “a reprodução ou a recriação dessa vivência pode ser uma experiência concreta da transformação de uma atividade, como também serve de estímulo a ações de protagonismo”, portanto, deve-se fazer uso dessa ferramenta para ampliar o repertório e os saberes dos educandos.

CONCLUSÃO

Neste artigo buscou-se demonstrar a possibilidade da Orientação enquanto uma ferramenta pedagógica, constando assim a sua importância dentro das aulas de Educação Física, por meio do

relato de experiência de uma proposta pedagógica construída por uma das autoras em docência compartilhada em uma instituição educativa.

Abordou-se como a Orientação foi utilizada nas aulas de Educação Física e como os educandos, nesse contexto, obtiveram êxito na leitura de mapas, adquiriram novos saberes através da construção coletiva, ampliaram seus repertórios de movimentos, tiveram experiências de cooperação, bem como do cuidado com o outro.

Salienta-se que os apontamentos dessa escrita possuem limitações, visto que esta análise se restringiu a um pequeno grupo de educandos. Os resultados apresentados poderiam ser diferentes se fosse realizada em outras escolas, na medida em que seria um contexto diferente.

Por fim, foi constatado que a Orientação, bem como outras PCAs, ainda que já desenvolvidas há alguns anos, mesmo antes da BNCC, por alguns professores de Educação Física, são conteúdos que vem gradativamente ganhando espaço no meio escolar, tendo sua repercussão proposta na BNCC para os anos finais do Ensino Fundamental. Caracterizando-se a Orientação como uma ferramenta pedagógica, é necessário explorar todas as suas possibilidades, sua interdisciplinaridade, seus temas transversais implícitos, seus saberes e assim ampliar o repertório cultural e de movimento dos educandos.

Ressalta-se também que ministrar aulas de um conteúdo pouco conhecido pela docente e pelos educandos foi um grande desafio; porém, essa vivência ainda na formação inicial acadêmica agrega à formação do futuro docente, que deverá utilizar-se dela para futuramente atuar na área com excelência.

Considera-se que os dados apresentados, bem como suas análises, podem vir a contribuir para o incentivo de novas práticas pedagógicas, quiçá em pesquisas acadêmicas com outras construções reflexivas sobre a inserção da Orientação e outras práticas corporais de aventura no espaço escolar. Reforça-se a necessidade de maiores estudos sobre a Orientação como proposta pedagógica para entender toda a sua complexidade. Finalmente, necessita-se também, de mais pesquisas que possam efetivamente contribuir e alcançar toda a sociedade, ultrapassando um público exclusivamente acadêmico.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Base Nacional Comum Curricular. Brasília: MEC, 2018. Disponível em: [http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC EI EF 110518_-versaofinal_site.pdf](http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_-versaofinal_site.pdf). Acesso em: 29 jul. 2020.

CARMONA, Eduardo Klein; BEGOSSI, Tuany Defaveri; SOARES, Suelen Silva; MAZO, Janice Zarpellon. O esporte de orientação: possibilidades e perspectivas. **Educação Física em Revista**, Brasília, v. 7, n. 3, p. 19-27, 2013. Disponível em: <https://portalrevistas.ucb.br/index.php/efr/article/view/4366/3271>. Acesso em: 29 de jul. 2020.

DARIDO, Suraya Cristina; RANGEL, Irene Conceição Andrade. **Educação Física no ensino superior- Educação Física na escola**: Implicações para prática pedagógica. 2 ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan Ltda., 2006.

DARIDO, Suraya Cristina; OLIVEIRA, Amauri Aparecido Bássoli. Procedimentos metodológicos para o programa segundo tempo. In: OLIVEIRA, Amauri Aparecido Bássoli; PERIM, Gianna Lepre (org.). **Fundamentos Pedagógicos do Programa Segundo Tempo**: da reflexão à prática. Maringá: Eduem, 2009. Cap. 7, p. 209-238.

DIAS, Cleber Augusto Gonçalves. Notas e definições sobre esporte, lazer e natureza. **Licere**, Belo Horizonte, v. 10, n. 3, p. 1-35, 2007. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/licere/article/view/922/717>. Acesso em: 29 de jul. 2020.

INÁCIO, Humberto Luís de Deus. Práticas corporais de aventura na natureza. In: GONZÁLES, Fernando Jaime; FENTERSEIFER, Paulo Evaldo (Org.). **Dicionário crítico de educação física**. 3. ed. rev. e ampl.- Ijuí: Editora Unijuí, 2014, p. 531-535.

INÁCIO, Humberto Luís de Deus; SOUSA, Caroline Castro; MACHADO, Lídia Ferreira. A presença das práticas corporais de aventura em escolas públicas da região metropolitana de Goiânia: um estudo exploratório. **Motrivivência**, Florianópolis, v. 32, n. 63, p. 01-16, 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/motrivivencia/article/view/76350/44685>. Acesso em: 29 jul. 2020.

MACHADO, André Accioly Nogueira et al. Esporte de Orientação na Educação Física escolar: histórico, características e possibilidades pedagógicas. In: PONTES JÚNIOR, José Airton de Freitas. **Conhecimentos do professor de educação física escolar**. Fortaleza: EdUECE, 2017, p. 377-396.

MELO, Ana Cláudia Raposo; LÓPEZ, Ramón Fabián Alonso. Educação Física: professor, tempos, espaços e equipamentos. **EFDeportes- Revista Digital**, Buenos Aires, v. 17, n. 175, 2012. Não paginado. Disponível em: <https://www.efdeportes.com/efd175/educacao-fisica-professor-tempos-espacos.htm>. Acesso em: 29 jul. 2020.

OLIVEIRA, Fábio Souza; BARROSO, Johelio Santana; JUNIOR, Osvaldo Moura Costa. A Corrida de Orientação enquanto conteúdo da Educação Física escolar. Não paginado. **EFDesportes- Revista Digital**, Buenos Aires, v. 13, n. 119, 2008. Disponível em: <https://www.efdeportes.com/efd119/corrida-de-orientacion-conteudo-da-educacao-fisica-escolar.htm>. Acesso em: 29 jul. 2020.

PADILHA, Paulo Roberto. **Planejamento dialógico**: como construir o projeto político pedagógico da escola. São Paulo: Cortez- Instituto Paulo Freire, 2001.

PASINI, Carlos Giovanni Delevati; DANTAS, Mário. Disciplina de Orientação e o currículo de Educação Física do ensino superior, uma inclusão necessária. Resumo de dissertação de Mestrado em Educação pela Universidade Vale do Rio Verde. Três Corações, 2003. Disponível

em: docplayer.com.br/9413695-Disciplina-de-orientacao-e-o-curriculo-de-educacao-fisica-do-ensino-superior-uma-inclusao-necessaria.html. Acesso em: 29 de julho 2020.

PELICIONI, Maria Cecília Focesi. Educação Ambiental, Qualidade de Vida e Sustentabilidade. **Saúde e Sociedade**, São Paulo, v. 7, n. 02, p. 19-31, 1998. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/sausoc/a/szsPnKWNPM3ZZvjpFBZRLDj/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 29 de jul. 2020.

PEREIRA, Dimitri Wu; ARMBRUST, Igor. **Pedagogia da aventura**: os esportes radicais, de aventura e de ação da escola. São Paulo: Fontoura, 2010.

PIMENTEL, Giuliano Gomes de Assis. Esportes na natureza e atividades de aventura: uma terminologia aporética. **Revista Brasileira de Ciência do Esporte**, Florianópolis, v. 35, n. 3, p. 687-700, 2013. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbce/a/w4WmkyJMtPrGCYCbmhSkcyP/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 29 jul. 2020.

SEVERINO, Antonio Joaquim; PEREIRA, Dimitri Wu; SANTOS, Vinicius Sampaio Feitoza. Aventura e educação na Base Nacional Comum. **ECCOS**, São Paulo, n. 41, p. 107-125, 2016. Disponível em: <https://periodicos.uninove.br/eccos/article/view/6954>. Acesso em: 29 jul. 2020.

SILVA, Bruno Allan Teixeira et al. Atividades de aventura na licenciatura em educação física: um relato de experiência. **Cadernos de formação RCBE**, [S. l.], v. 7, n. 1, p. 69-80, 2016. Disponível em: <http://revista.cbce.org.br/index.php/cadernos/article/view/2207/1199>. Acesso em: 27 jul. 2020.

TAHARA, Alexander Klein; CARNICELLI FILHO, Sandro. A presença das atividades de aventura nas aulas de Educação Física. **Arquivos de Ciências do Esporte**, Minas Gerais, v. 1, n. 1, p. 60-66, 2013. Disponível em: <https://seer.ufm.edu.br/revistaeletronica/index.php/aces/article/view/245>. Acesso em: 29 jul. 2020.

TAHARA, Alexander Klein; CARNICELLI FILHO, Sandro. Atividades físicas de aventura na natureza (AFAN) e academias de ginásticas: motivo de aderência e benefícios advindo da prática. **Movimento**, Porto Alegre, v. 15, n. 3, p. 187-208, 2009. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/Movimento/article/view/4917/5586>. Acesso em: 29 jul. 2020.

THOMAS, Jerry; NELSON, Jack; SILVERMAN, Stephen. **Métodos de pesquisa em atividade física**. 6 ed. Porto Alegre: Artmed, 2012.

UVINHA, Ricardo Ricci. **Juventude, Lazer e Esportes Radicais**. São Paulo: Manole, 2001.

VASCONCELLOS, Celso dos Santos. **Planejamento**: projeto de ensino-aprendizagem e projeto político-pedagógico. 3 ed. São Paulo: Libertad, 1995.

NOTAS DE AUTOR

AGRADECIMENTOS- Não se aplica.

CONTRIBUIÇÃO DE AUTORIA- Não se aplica.

FINANCIAMENTO- Não se aplica.

CONSENTIMENTO DE USO DE IMAGEM- Foi obtido o consentimento escrito da participante que têm sua identidade exposta.

APROVAÇÃO DE COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA- Não se aplica.

CONFLITO DE INTERESSES- Os autores declaram não haver conflitos de interesses.

LICENÇA DE USO

Os autores cedem à **Motrivivência - ISSN 2175-8042** os direitos exclusivos de primeira publicação, com o trabalho simultaneamente licenciado sob a [Licença Creative Commons Attribution Non-Comercial ShareAlike](#) (CC BY-NC SA) 4.0 International. Esta licença permite que **terceiros** remixem, adaptem e criem a partir do trabalho publicado, desde que para fins **não comerciais**, atribuindo o devido crédito de autoria e publicação inicial neste periódico desde que adotem a mesma licença, **compartilhar igual**. Os **autores** têm autorização para assumir contratos adicionais separadamente, para distribuição não exclusiva da versão do trabalho publicada neste periódico (ex.: publicar em repositório institucional, em site pessoal, publicar uma tradução, ou como capítulo de livro), com reconhecimento de autoria e publicação inicial neste periódico, desde que para fins **não comerciais e compartilhar com a mesma licença**.

PUBLISHER

Universidade Federal de Santa Catarina. Programa de Pós-Graduação em Educação Física. LaboMídia - Laboratório e Observatório da Mídia Esportiva. Publicado no [Portal de Periódicos UFSC](#). As ideias expressadas neste artigo são de responsabilidade de seus autores, não representando, necessariamente, a opinião dos editores ou da universidade.

EDITORES

Mauricio Roberto da Silva, Giovani De Lorenzi Pires, Rogério Santos Pereira.

EDITOR DE SEÇÃO

Rogério Santos Pereira

REVISÃO DO MANUSCRITO E METADADOS

Juliana Rosario; Keli Barreto Santos.

HISTÓRICO

Recebido em: 12 de junho de 2021

Aprovado em: 26 de abril de 2022